

14/6/98 JB  
82 12

## Região vale bilhões

NELSON FRANCO JOBIM  
Correspondente

OXFORD, INGLATERRA – O Brasil deve adotar uma postura diplomática mais agressiva nas negociações internacionais sobre meio ambiente, exigindo uma compensação financeira pelos “serviços ambientais” da floresta amazônica, afirmou o diretor do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), Philip Fearnside, na conferência *Impacto Humano nos Ambientes da Amazônia Brasileira*, realizada no fim de semana passado, no Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford. Pelos cálculos de Fearnside, só como reserva de biodiversidade e de biomassa e por sua importância reguladora no ciclo da água na natureza, a Amazônia deveria render US\$ 37 bilhões ao Brasil, a serem pagos pelos países ricos, interessados na preservação das florestas tropicais.

**Preço** – A idéia pode parecer absurda, mas em seu último livro, *O teórico accidental*, o professor Paul Krugman, um dos mais influentes economistas da atualidade, prevê que, no século 21, a natureza e os recursos naturais, cada vez mais escassos, passarão a ter preço – inclusive o ar puro. Como há forte resistência no Congresso dos Estados Unidos contra os cortes nas emissões de gás carbônico, previstas no Tratado de Quioto sobre mudança do clima e aquecimento da Terra, existe uma possibilidade concreta de negociar a redução dos incêndios na Amazônia em troca de uma ajuda financeira internacional.

Apesar da ousadia da proposta, Fearnside vê uma chance de preservar a floresta. Mas ela depende de uma mudança na orientação do desenvolvimento local, voltado até agora para a mineração e a conversão da floresta em pasto ou terra agrícola. Ele afirma que, “apesar do que diz o presidente do Ibama”, os grandes e médios fazendeiros são responsáveis por 70% do desmatamento e a agropecuária não é uma atividade sustentável na Amazônia.

Dos quase 5 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia Brasi-

leira, 530 mil (13%) já foram desmatados. Os participantes da conferência de Oxford previram que o ritmo de destruição vai aumentar com a abertura de novas estradas, que cortarão o coração da floresta, até agora intocado.

O diretor do Inpa observa que o solo da Amazônia é frágil, saturado de alumínio e pobre em fósforo. Se toda a Amazônia fosse transformada em área agrícola, consumiria todas as reservas de fósforo brasileiro em 11 anos. “Não há desenvolvimento sustentável com número infinito de pessoas. E também não há desenvolvimento orientado para aumentar o tamanho do bolo, para resolver problemas enraizados numa distribuição desigual do bolo.”

**Perda** – Para Fearnside, a Amazônia não tem capacidade de sustentar economicamente uma grande população mas, “independentemente do valor que se atribua à biodiversidade, isso pode ser traduzido num desejo de pagar para evitar as perdas”. Ele afirma que a floresta derrubada em 1990 representa uma perda de US\$ 2,5 bilhões para o patrimônio nacional. Mas admite que a quantificação ainda é primitiva e que os economistas devem trabalhar mais no assunto.

A questão central da conferência era o papel das tecnologias nativas na preservação da floresta e Fearnside considerou importante “não exagerar” a importância das tecnologias tradicionais. “As quantias a serem obtidas com produtos baseados na medicina dos índios não devem ser muito grandes.”

O maior risco, segundo Michael Ballick, diretor do Jardim Botânico de Nova Iorque, é a Amazônia se transformar num grande Haiti, o país de natureza exuberante que hoje apresenta o pior quadro de miséria da América: “A medida que a floresta desaparecer, vão aumentar as pressões e a tensão social na Amazônia. Quando os ecossistemas perderem a sustentabilidade, poderá haver uma violência crescente.”



O incêndio que devastou Roraima só foi apagado pela chuva, comemorada pelas crianças

Carlos Magno – 31/3/98

## Fogo trouxe prejuízo de R\$ 100 milhões

OXFORD, INGLATERRA – Os incêndios de Roraima deram um prejuízo de R\$ 100 milhões e vão se repetir em outro lugar, previu a professora Elizabeth Allen, do Centro de Estudos da Amazônia na Universidade de Glasgow, na Escócia, durante conferência no Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford. Foram mais de 2 mil focos. As chamas chegaram a formar uma frente de 400 quilômetros de largura. Cerca de 60% de Roraima foram devastados, além de áreas na Guiana e na Venezuela, num total de 58 mil quilômetros quadrados.

Seis mil anos atrás houve um grande incêndio, conta Allen. O problema continua até hoje porque colonos e fazendeiros mantêm a antiga prática da agricultura de roça indígena: tocar fogo num pedaço do mato para abrir a área e plantar. Em pequena escala, não afeta o meio ambiente; em grande escala provoca as nuvens tóxicas e a devastação registrada nos últimos meses na Amazônia, no México e na Indonésia.

Só diante da pressão internacional, acrescenta Elizabeth Allen, o governo federal brasileiro reagiu e aceitou ajuda internacional para combater o fogo em Roraima. Sem sucesso. O fogo só foi apagado pela chuva. (N.F.J.)